

Isabel Trabucho

Universidade Aberta, Lisboa

Crónicas do Rio – Eça e Azevedo correspondentes da *Gazeta de Notícias*

A Imprensa teve o seu grande apogeu no século XIX. O jornal era visto como um meio fundamental para a transformação da sociedade da época. Através da crónica, ou de outros textos jornalísticos, poder-se-ia criticar abertamente a realidade quotidiana, visto tratar-se de um “espaço de liberdade” em que o cronista podia, de forma aberta e avulsa tratar das mais diversas temáticas relativas à sociedade. Os periódicos estavam presentes, a par e passo dos acontecimentos, em pessoas e nos seus feitos, nas opiniões, boatos e intrigas, multiplicando-se o número de títulos e de publicações, tanto em Portugal como no Brasil, que alimentavam os dias dos cidadãos ávidos de informação e apresentavam-se como órgão de um liberalismo ainda latente. Neste contexto, o folhetim surge como o espaço, por excelência, da inscrição desse universo de escrita estritamente literária ou de cariz jornalístico, que contou com a colaboração de um largo número de escritores oitocentistas, entre os quais, e com mais frequência e quase comprometimento, os autores e intelectuais da Geração de 70.

A colaboração de Eça de Queiroz com a imprensa periódica, em revistas e jornais do seu tempo, foi extensa e coincidente com o início da sua produção artística – as primícias literárias ecianas foram publicadas na *Gazeta de Portugal*, nos anos de 1866 e 1867, e em *Revolução de Setembro* (1870). Trata-se, inegavelmente, de um domínio da actividade cultural que Eça sempre privilegiou como simples colaborador, jornalista, criador ou até director, como no caso do *Distrito de Évora*, de 1867. Eça, sendo embora mais conhecido, lido e apreciado pela sua obra ficcional, revelou-se assazmente na sua epistolografia e no texto jornalístico (destacando-se a crónica), onde traça o quadro de toda uma

realidade coeva numa época conturbada e em contínua evolução. Deste modo, as crónicas, as cartas e outros escritos foram sendo publicados na imprensa portuguesa. Em 1880, Eça inicia a sua colaboração com a imprensa brasileira, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, dando ensejo à sua necessidade de manter a escrita não ficcional nos seus hábitos diários, conforme refere em *Correspondência* – “Eu necessito fazer correspondência por higiene intelectual...”¹ (QUEIROZ 1983, 179)

Desde essa data até 1897 (apesar dos interregnos de 1883 a 1886 e de 1889 a 1891), Eça deleita o seu público-leitor brasileiro (mais fiel e devotado que o português) encetando a sua longa colaboração com uma série de crónicas e outros textos de imprensa em que fascina os seus numerosos leitores, de tal modo que pode ainda hodiernamente ser considerado um dos mestres do jornalismo daquele país. Granjeou prestígio e fama junto do público e dos seus pares, sendo eleito como “talvez o jornalista mais ágil, mais espirituoso, mais elegante, mais completo que já apareceu na imprensa brasileira.” (BANDEIRA 1945, 168)

A crónica eciana vislumbrava informar o leitor de além-mar, não somente dos acontecimentos triviais e comezinhos de Londres e Paris, como pólos culturais do mundo, mas, acima de tudo, examinar e problematizar explicitamente um ideário moral, político, literário e artístico de uma Europa de Oitocentos. Assim, de entre esse extenso *corpus* de textos de imprensa, seleccionamos nesta colaboração de Eça para o Brasil as crónicas correspondentes aos anos de 1880 a 1882, por se reportarem não só a uma primeira fase da correspondência para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, como também por coincidirem com o período temporal em que Guilherme de Azevedo se encontrava, de igual modo, como correspondente estrangeiro para o jornal carioca, na capital francesa. Este havia sido contratado pelo periódico brasileiro, em Setembro de 1880, para suprir essa falta de um jornalista português em Paris, tendo em conta que Eça passaria a tratar, a partir de então, exclusivamente dos assuntos de Inglaterra. Em 1882, Guilherme de Azevedo falecia, aos 42 anos, de doença crónica, em Paris, terminando

¹ Carta a Ramalho Ortigão de 10-7-1879.

desse modo abrupto a sua correspondência para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Por conseguinte, através da leitura e da análise das crónicas enviadas das duas capitais europeias pelos dois autores portugueses, procuraremos descortinar e interpretar o modo como ambos vêem e analisam outros povos e acontecimentos europeus, nas suas vertentes culturais, políticas, civilizacionais, artísticas e inclusive na vida mundana. Ao longo das suas inúmeras crónicas e outros textos jornalísticos, os dois autores utilizam um discurso onde tecem críticas e fazem acertados juízos de valor em relação a outros povos e civilizações, ao mesmo tempo que nos revelam impressões sobre os dois países imersos num mundo burguês e numa sociedade hipócrita que acham necessário acutilar.

Tal como a etimologia da palavra evidencia, crónica deriva de *chronos*, isto é, trata-se de uma escrita indissociável do tempo que, muitas vezes, aborda assuntos do quotidiano num relato curto. Assim, neste tipo específico de texto de imprensa, o autor alia o seu *esprit* e o carácter lúdico da crónica com o objectivo fulcral de persuadir o leitor das ideias veiculadas, contando com as bases de conhecimento dos que o liam, por partilharem a mesma época e a mesma língua, comungando obviamente da mesma vivência histórica. Guilherme de Azevedo, apesar de ter escrito poesia e drama, foi, acima de tudo, conhecido como ímpar cronista em inúmeros periódicos da época, ambicionando ser correspondente estrangeiro na capital francesa que tanto admirava. A *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, na qual Rafael Bordalo Pinheiro, o seu maior amigo, era colaborador e caricaturista, terá funcionado como o passaporte para esse sonho, até à sua morte, dois anos depois, nesse lugar que tanto o havia fascinado.

Consuetudinariamente utilizada por Eça de Queiroz, ao longo de toda a sua produção escrita, a crónica revela o carácter intrépido, a actualizada cultura e o admirável domínio da língua portuguesa deste escritor. A temática variada que aborda e o seu tom informal e familiar de uma conversa como características fulcrais do texto cronístico vêm ao encontro da definição dada pelo próprio Eça, em 1867, no *Distrito de Évora*, quando a caracteriza como uma “conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que lêem”, assente num conteúdo de “mil

coisas” de natureza tão diversa, seja “tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China”, pelo discurso ligeiro, onde não cabe “a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico”, mas antes “uma pequena voz serena, leve, clara com que conta aos amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.”

Eça de Queiroz, apesar de nunca ter visitado o Brasil, privava assiduamente com brasileiros desde os tempos da Universidade de Coimbra, onde, segundo Heitor Lyra, contactara com mais de uma dezena de colegas. (LYRA 1965, 20) Na sua infância houvera já sido criado por um casal de negros trazidos do Brasil pelo seu avô, com os quais ganhara apego ao sotaque e às histórias que estes lhe contavam e que perduraram na sua memória. Mais tarde, em 1870, concorreu para cônsul em Salvador da Baía tendo sido preterido provavelmente pelo facto de ter participado nas Conferências do Casino, ou por o escolhido para o cargo ter usado as suas influências no meio diplomático, o que o levou, em 1871, a redigir uma crónica, em *As Farpas*, criticando o que hoje denominaríamos de *lobbies* da diplomacia lusa e dos seus agentes. No ano seguinte, foi nomeado cônsul em Cuba.

Apesar do incidente provocado pela sua “farpa” contra o brasileiro comum, entre muitos outros visados, podemos considerar que a imagem do Brasil e do brasileiro se alterou intensamente ao longo dos anos, muito devido aos amigos brasileiros que Eça foi conquistando e com quem contactava amiúde: Eduardo Prado, Domício da Gama, Rio-Branco, Magalhães de Azeredo e Olavo Bilac. Para além dos seus amigos e frequentadores habituais de sua casa em Neuilly que nutriam uma admiração muito especial pelo grande romancista português, vinham a acompanhá-los, não raras vezes, outros seus conterrâneos desejosos de conhecer pessoalmente o autor de *Os Maias*. Eça retribuía o gosto deste contacto tão próximo com estes escritores e intelectuais brasileiros que o deliciavam com o sotaque que tão bem definiu como “um português com açúcar”. (*Idem*, 314)

Para lá do inigualável sucesso na prosa romanesca, interessá-nos agora conhecer o percurso de Eça na imprensa da época. As primícias literárias de Eça de Queiroz foram as crónicas e outros textos jornalísticos publicados na *Gazeta de Portugal*, quando tinha apenas

vinte anos. Um ano mais tarde, no periódico oposicionista, o *Distrito de Évora*, exerce cumulativamente as funções de redactor e de director, deixando acutilantes textos de bom jornalismo em especial no que este deve encerrar de crítica aos males da sociedade. Com Ramalho Ortigão enceta a escrita de *As Farpas* dando ensejo ao propósito de tornar Portugal um país mais consentâneo com os modelos europeus de Paris e Londres, tanto a nível social como literário e político. Guilherme de Azevedo (com o pseudónimo de João Rialto), a este respeito, expressa a sua grande admiração pelo romancista e pelo cronista, no Verão em que ambos encetam a sua correspondência para o Rio de Janeiro, através das seguintes palavras:

A colaboração das Farpas com Ramalho Ortigão não constitui para Eça de Queirós um título de glória inferior ao que lhe concedem os seus romances. Nessa dança macabra da fantasia há verdadeiros arrojados de funambulismo literário. Nunca em Portugal se haviam realizado tais jogos malabares de graça e de bom senso, fazendo girar no espaço, num círculo vertiginoso, os ridículos e os preconceitos de uma sociedade enfêrma e estupefacta. Nos últimos tempos Eça de Queirós tem vivido na Inglaterra. O seu estilo prismático em que há todos os tons do colorido e tôdas as vibrações do som, não tem de forma alguma sido prejudicado pela fria serenidade das paisagens britânicas. (AZEVEDO 1945, 64)

Eça prosseguiu com forte dedicação como romancista e jornalista, para além das suas funções diplomáticas que lhe asseguravam o sustento, colaborando assiduamente em jornais e revistas com textos literários e outros escritos de cariz mais especificamente jornalístico. Carlos Reis evidencia igualmente o facto de toda a colaboração para a imprensa se dever, acima de tudo, a questões meramente económicas, ao declarar que “frequentemente, Eça de Queirós teve que aceder a tarefas um tanto afastadas do seu *métier* de escritor literário, esse *métier* que por cerca de 35 anos exerceu com talento, com elevada exigência estética e responsabilidade cultural.

A partir de 1880, passa então a ser correspondente efectivo da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, enviando cartas, crónicas, artigos de fundo, folhetins e capítulos de romance para o Brasil, país que tão bem acolheu a sua produção literária e jornalística. Aliás, entre os brasileiros,

o trabalho de Eça foi sempre largamente lido e apreciado, tal como atesta Paulo Cavalcanti ao afirmar que “nenhum romancista estrangeiro exerceu, até hoje, maior influência no Brasil do que Eça de Queiroz. Durante sua vida, no fastígio da carreira literária, a consagração de seu nome, como escritor, atingiu proporções invulgares”. (CAVALCANTI s.d., 19)

Foi um recém-criado periódico carioca na época, a *Gazeta de Notícias*, a cumprir essa missão. Este singular jornal brasileiro, fundado em 1875 por Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro e Elísio Mendes, revelava-se notável na defesa de grandes causas como a da abolição da escravatura. De entre a plêiade de colaboradores deste jornal do Rio de Janeiro, contavam-se muitos intelectuais dos dois lados do Atlântico, destacando-se Eduardo Prado, Machado de Assis, Olavo Bilac, Ramalho Ortigão, entre outros, conforme referido anteriormente. Era um jornal popular de grande tiragem e com venda directa na rua, o que fez com que fosse considerado um periódico ligeiro e inovador. O seu director, Ferreira de Araújo, pautou-se, desde logo, pela procura da qualidade numa publicação mais arrojada e alegre, sendo, deste modo, caracterizado como “talvez o jornalista mais ágil, mais espirituoso, mais elegante, mais completo que já apareceu na imprensa brasileira”, (*Idem, ibidem*) o que faria compreender igualmente o sucesso, na época, deste novo periódico.

Assim, não admira o forte interesse demonstrado por Ferreira de Araújo em ter como seu colaborador o romancista português que tanto êxito obtivera, em 1878, com a publicação de *O Primo Basílio*. No Brasil, o romance eciano tivera uma considerável recepção, daí que o director deste jornal não pudesse negligenciar esse facto, reforçando a sua vontade em publicar a produção literária e jornalística de Eça. Para mais, havia o facto de a *Gazeta de Notícias* carecer de um correspondente em cada um dos pólos culturais europeus, a fim de informar os seus interessados leitores de tudo o que se passava em Paris e Londres, considerados na época, como os locais de onde emanavam a cultura e a inovação. Vivendo o escritor em Inglaterra, supriria ainda melhor essa necessidade do periódico carioca.

Por conseguinte, em 24 de Julho de 1880, Eça de Queiroz dava início à correspondência para este jornal do Rio de Janeiro, que iria

perdurar ao longo de dezasseis anos, até 1897, embora com algumas interrupções. No entanto, foi a mais longa colaboração deste autor com um periódico. Ferreira de Araújo, o director da *Gazeta de Notícias* e um admirável jornalista, conforme já referimos, manifestou o seu agrado por esta nova ligação do notável escritor português com o seu jornal, registando com a seguinte nota editorial a colaboração inaugural de Eça:

Temos a satisfação de publicar hoje a primeira carta do eminente escritor português o Sr. Eça de Queiroz, que acedeu ao convite que lhe fizemos para ser nosso correspondente em Londres. Seria ocioso encarecer os méritos do nosso novo colaborador, que tem um nome firmado por trabalhos de grande valor literário. Que o digam as *Farpas*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e outros primorosos escritos. Por enquanto o Sr. Eça de Queiroz ocupar-se-á dos acontecimentos de Paris e Londres; muito brevemente tratará só da Inglaterra, logo que chegue a Paris o correspondente que para essa capital contratámos. (BANDEIRA op. cit., 168-169).

O correspondente português de Paris aguardado por Ferreira de Araújo era o exímio cronista e escritor, Guilherme de Azevedo, que encetaria a sua colaboração na *Gazeta de Notícias* um mês mais tarde. Daí que o título da rubrica eciana se intitulasse “*Cartas de Paris e Londres*” apenas durante os meses de Julho e Agosto desse ano (correspondendo às duas primeiras correspondências), passando, a partir de Setembro, quando Guilherme de Azevedo já se encontrava em Paris, a serem designadas simplesmente por “*Cartas de Inglaterra*”. A colaboração queiroziana prosseguirá com esse título, ao longo dos anos de 1880 a 1882, sendo interrompida de 1883 a 1886. É retomada em 1887 com a publicação de *A Relíquia* e, em 1888, com a *Correspondência de Fradique Mendes*. Entretanto, Eça de Queiroz é transferido para o Consulado em Paris dando-se novo interregno na sua colaboração para o reputado jornal carioca.

No entanto, a partir de 1892, o escritor retoma a sua correspondência para o Brasil, nesta terceira fase que decorrerá ininterruptamente até à sua derradeira crónica datada de 20 de Setembro de 1897. Ao longo destes últimos anos, Eça enviou diversos contos, cartas, crónicas e

outros textos de natureza jornalística que foram, mais tarde, compilados nas obras *Ecos de Paris*, *Notas Contemporâneas*, *Correspondência de Fradique Mendes*, *Cartas de Inglaterra*, *Cartas Familiares*, *Bilhetes de Paris e Contos*. A longa colaboração de Eça para este jornal do Rio de Janeiro proporcionava-lhe um salário regular de que o escritor necessitava pelo facto de a sua família se ir tornando cada vez mais numerosa.

Mais do que Eça de Queiroz, Guilherme de Azevedo encontra na actividade jornalística, em geral, e na crónica, em particular, um *modus vivendi* que cultiva e apura, ao longo da sua curta vida. Através da cronística, manifesta o forte intento de abordar a vida política, social e artística do seu tempo, de comentar os principais assuntos da semana, saltitar de um acontecimento ou situação para outro, não esquecendo todas as minudências inerentes ao quotidiano da vida que observa e analisa atentamente. Para este cronista a “tempo inteiro”, a crónica deveria falar do “último livro notável, do último quadro célebre, da última caricatura, do último dito, do último rapto, metendo a mão no saco das galanterias quotidianas e enfileirando, como em cima de uma ‘etagère’, os mais recentes ‘bibelots’ da moda”.² Ao jeito da definição eciana, Azevedo adopta uma postura muito jovial de contador de uma multiplicidade de situações díspares como resultado de um espírito perscrutador que “espreita porque não lhe fica mal espreitar”.³

Como tal, podemos igualmente “espreitar” cada uma das suas crónicas enviadas para o jornal carioca, ao longo dos escassos, embora proveitosos e inolvidáveis, meses em que viveu em Paris como correspondente da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Guilherme de Azevedo, apesar de muito conhecido na Imprensa da época, terá sido, de algum modo, ofuscado, ao longo das décadas posteriores, pelo reconhecimento de vários outros grandes nomes da literatura, da historiografia e das artes nesse fértil quartel de Oitocentos. Foi, sem dúvida, uma das figuras relegadas para segundo plano, tal como sucedeu a uma infinidade de outros autores “menores”, apesar da importância e do reconhecimento conquistados em vida e que apenas terão perdurado

² *In O Ocidente*, 15-VII-1878, Lisboa.

³ *In Distrito d'Évora*, 6-I-1867, Évora.

nos anos imediatamente posteriores. A este respeito, Mário Dionísio evidencia essa mesma circunstância que permite a ascensão de alguns autores, em detrimento de outros, na história da literatura portuguesa, referindo-se a “uma corte imensa de esquecidos, de inevitavelmente esquecidos, [...] já que a sua obra não pôde encontrar as condições mínimas indispensáveis de florescimento completo, já que a sua tímida novidade se deixou apagar sob a camada pesada de todas as forças tradicionais”. (DIONÍSIO, 1947:487)

Com temperamento reservado, embora possuindo um apurado senso de humor, Guilherme de Azevedo manifestava, por vezes, uma profunda melancolia que lhe provinha, provavelmente, do facto de ter como circunstância de vida uma deficiência física numa perna, resultante de uma queda numa brincadeira na infância. A sua caústica ironia e o facto de coxear valeram-lhe a alcunha de “diabo coxo”. Era um homem letrado e sempre atento aos acontecimentos e às ideologias de então, lendo com fervor os inúmeros periódicos e revistas nacionais e internacionais, principalmente os oriundos da capital francesa, pela qual nutria uma especial admiração. Em Santarém, onde nasceu, fundou e dirigiu o jornal *O Alfageme*, “folha política, literária e noticiosa” (n.º 1, 15-VI-1871), iniciando a actividade de jornalista num meio hostil que não suporta a sua intervenção polémica a propósito da Comuna de Paris. Neste último periódico, à semelhança de Eça no *Distrito de Évora*, proclama valores de verdade e de justiça na “grande romaria do progresso e da civilização humana”.⁴ Que não se tratava de um animador cultural desconhecido no seu tempo, revela-o a sua ligação ao grupo do Cenáculo e à Geração de 70, com o qual aparece na cena portuguesa a subscrever o programa das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense (o seu nome figura entre os doze subscritores, junto do de Batalha Reis) e não é dos menos activos contra a prepotência e a venalidade de quem ordenara o encerramento das referidas conferências.

O seu exórdio poético tem lugar com *Aparições*, em 1867, seguindo-se *Radiações da Noite*, em 1871. É, porém, com *A Alma Nova*, em 1874, que a sua veia poética apresenta marcas de modernidade e um discurso com algumas homologias ao de Cesário Verde, razão por que

⁴ “Boletim Político”, 22-VI-1871, in *O Alfageme*, Santarém.

não será ousadia falar de Guilherme d’Azevedo como precursor daquele. De resto, na época, a renovação da forma poética era atribuída muito mais ao primeiro do que ao segundo, tendo Antero e Camilo revelado mesmo o seu entusiasmo pelo verbo novo azevediano. Transferindo-se definitivamente para Lisboa, em 1874, o seu talento de jornalista pode observar-se através de numerosas publicações, desde a *Lanterna Mágica* ao famoso *Álbum das Glórias* onde, sob o pseudónimo de João Rialto, anima as caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro com crónicas de grande originalidade estilística e que provocam o desespero das classes e das instituições conservadoras. Os seus grandes comparsas foram Rafael Bordalo Pinheiro (colaborador da recém fundada *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e que entretanto regressara a Portugal), Luís de Andrade e Guerra Junqueiro. Com este último, escreveu, a duas mãos, a obra dramática *Viagem à Roda da Parvónia*, em 1879, cuja representação foi pateada violentamente na primeira noite da sua aparição. Luís de Andrade era brasileiro, embora de ascendência portuguesa, estudou em Coimbra e voltou, mais tarde, para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como colaborador e redactor em jornais brasileiros, entre os quais a *Gazeta de Notícias*. Terá sido, segundo Eulália Marques, um dos grandes veiculadores no Brasil do valor de Guilherme de Azevedo no periodismo português. Por esta altura, já Azevedo era reconhecido como um dos melhores jornalistas da capital portuguesa, o que levou Pinheiro Chagas a proferir, à data da sua morte, que:

em Lisboa toda a gente que frequentava os cafés, os teatros, os passeios, a Rua do Ouro e o Chiado, conhecia esta figura simpática que aparecia em toda a parte. [...] Isto pasmava e tanto mais que o bom Guilherme tinha a desgraça de ser côxo! Mas mesmo assim, pé mais acima, pé mais abaixo, agitando sempre a sua bengala que tanto o auxiliava na conversa em reviravoltas danadas, andava mais que nenhum de nós; desaparecia, silenciosamente, dos grupos onde estava conversando e era deste modo que, muitas vezes, apanhando-nos descuidados à porta da Havaneza, se escapava sem que ninguém desconfiasse. (CHAGAS 1882, 3)

Apesar de, a nível literário, não ter alcançado um sucesso que perdurasse até aos dias de hoje e que o colocasse ao lado dos grandes

vultos das letras lusas, como aconteceu a vários nomes da sua geração, Guilherme de Azevedo foi um dos poucos escritores que, na época, conseguiu viver das suas obras e da sua produção jornalística. O Jornalismo e a Literatura foram, assim, as duas actividades a que Guilherme de Azevedo se dedicou enquanto se encontrava em Portugal. Em 1880, recebe, então, o convite para correspondente em Paris da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, que lhe permite a concretização do sonho de conhecer a “cidade-luz”, pela qual o cronista nutria, até essa altura, um forte fascínio. Outros nomes seus conhecidos, como Rafael Bordalo Pinheiro e Ramalho Ortigão, já colaboravam ou haviam colaborado neste prestigiado jornal carioca. Ora, apesar da distância pessoal e geográfica entre Eça e Azevedo, estes grandes escritores e jornalistas da Geração de 70, amigos comuns de Ramalho Ortigão que coincidentemente lhes terá propiciado a ambos durante o mesmo período de tempo a convergência dos seus textos de imprensa para a *Gazeta de Notícias* do Brasil, ofereceram ao seu público leitor carioca diferentes visões dessas duas nações consideradas no último quartel do século XIX como os pólos culturais do mundo.

Devido à vasta cultura e à pujança da nação britânica, Eça evidenciara, desde muito cedo, uma forte admiração por Inglaterra que, na sua primeira estadia neste país, exercendo funções diplomáticas em Bristol, já se havia alterado, conforme fizemos referência no capítulo dedicado à colaboração do grande romancista para a *Gazeta de Notícias*. Do mesmo modo, Guilherme de Azevedo acalentava, tal como a maioria dos artistas e literatos de então, o profundo desejo de conhecer a capital francesa, vista, à luz da época, como a cidade de todos os luxos e grandezas donde emanavam constantemente incontáveis novidades, ideologias e manifestações culturais. A concretização desse seu antigo e manifesto sonho veio-se a revelar ainda melhor sucedida do que à primeira vista o cronista português poderia supor, tendo em conta que possibilitar-lhe-ia desempenhar as funções de correspondente de imprensa no ambiente desejado e a expensas do reconhecido periódico carioca cujo público leitor era incomensuravelmente mais lato. Assim, Azevedo teve a oportunidade de confrontar o seu conhecimento livresco de Paris, cidade quase quimérica onde tudo se passava vertiginosamente, com um conhecimento bem concreto e experienciado ao longo dos muitos

meses em que nela viveu, fruindo o melhor que a capital francesa lhe oferecia e agastando-se com o que de menos positivo se foi revelando diante dos seus olhos.

No que diz respeito à correspondência de Inglaterra, Eça oferece uma interpretação do mundo inglês num tipo de jornalismo judicativo que exhibe explicitamente marcas de avaliação e julgamento. Baseando-se no seu conhecimento verdadeiro e experiente do espaço que analisa, o escritor foca diversos assuntos mas mostra um maior interesse pelas manifestações do imperialismo, pela desigualdade económica e pela apreensão dos traços mais significativos do carácter britânico, em especial uma certa excentricidade de carácter, a hipocrisia e a arrogância. No entanto, comprova-se, nos seus escritos, uma verdade que ele próprio fez questão de enfatizar – a superioridade cultural e civilizacional britânica, na época vitoriana, face a qualquer outra nação, inclusive a França. Verbera com especial empenho a política externa inglesa e a sua feição marcadamente imperialista relativamente às questões do Egipto, do Afeganistão e da Irlanda, manifestando uma intrínseca e exímia faceta de analista que não teme a forte crítica a uma sociedade que se regia pela hipocrisia, pelo orgulho e por uma exacerbada ambição, na qual os grandes valores humanos eram claramente olvidados. Como jornalista analisa a actualidade, de modo imediato, traçando um perfil generalista do inglês no qual evidencia o seu forte apego à tradição e aos seus costumes muito próprios, que considera marcados por uma certa excentricidade.

A arrogância e a superioridade económica, bélica e cultural são outros traços que o cronista vai acentuando ao longo das crónicas sobre o Egipto, a Irlanda e o Afeganistão. Contudo, demarca e louva assazmente a propensão britânica para os aspectos culturais e, nomeadamente, literários, em oposição ao marasmo a que assiste na sociedade portuguesa. Já no que diz respeito ao turismo cultural que arrasta, na época, massas de britânicos entre a classe burguesa, tece mordazes críticas ao modo como estes viajam, assim como à evidente incapacidade em aceitarem e apreciarem as diferentes culturas e civilizações com que tomam contacto, devido, essencialmente, a uma atitude fortemente preconceituosa perante o Outro, ou seja, no confronto com a civilização diferente da sua – a não britânica. Outra questão que patenteia a grande

preocupação de Eça pelos valores humanos, revelando-o como o defensor das grandes causas é, sem dúvida, a da perseguição aos judeus, não só como um vaticínio da calamidade que assolaria a Europa nas décadas subsequentes, mas pelo modo sagaz e repleto de agudeza de espírito com que analisa a atitude preconceituosa e discriminatória em relação aos indivíduos que professam a religião hebraica. Eça de Queiroz fornece, acima de tudo, aos seus leitores do outro lado do Atlântico, acima de tudo, uma imagem da conjuntura política e social de uma nação em plena pujança, em detrimento de aspectos mais particulares e efêmeros do quotidiano de Inglaterra e do seu povo. Como crítico do seu tempo, este cronista revela uma particular forma de arguir a realidade, apontando nela, com extrema lucidez e de modo incisivo, os seus aspectos mais contraditórios.

Mesmo relativamente a França, nas duas cartas com que enceta a sua correspondência para o Brasil, o interesse eciano prendeu-se fortemente à questão da pouca consistência prática dos valores republicanos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade que teoricamente defendiam – a nação francesa surge ainda titubeante temendo a falta de solidez das suas instituições e ideologias gerando paradoxalmente atitudes de evidente falta de cidadania e de liberdade de opinião e acção que inibem uma sociedade justa e evoluída. Constata, com pesar, perseguições políticas aos defensores das ideias comunistas e das lutas do proletariado e perseguições religiosas aos jesuítas. censura asperamente as posições políticas da república francesa que proclama os direitos do Homem mas que, por outro lado, toma parte na partilha colonial do mundo, logo atrás da nação britânica, ao assenhorar-se de Tunes e de Madagáscar. Gambetta, deificado pelos franceses na época, não podia deixar de ser referido por Eça que, através de uma observação mais próxima, altera a opinião que detinha do consagrado político considerando os seus discursos repletos de vanidade e de cúpidos interesses. Tanto em Paris como em Londres, empenha-se na denúncia das intérminas iniquidades sociais do seu tempo, onde as provações da massa proletária e as desigualdades entre classes eram confrangedoras. No seu estilo contundente, defende um mundo mais civilizado e humanista, sendo que a ideia que subsiste na imagem do povo britânico que Eça transmite para os seus leitores brasileiros é vincadamente negativa e

pejada de fortes críticas aos poucos valores éticos e morais revelados pelos ingleses, como sejam a “falta de fraternidade, o egoísmo, enfim, os defeitos morais que, segundo ele [Eça], marcavam a civilização do século XIX.” (MINÉ 1986, 115)

Ao contrário de Guilherme de Azevedo, Eça de Queiroz é o cronista de propensão reflexiva que propositadamente se distancia dos factos comezinhos e do bulício da vida exterior para, à sua secretária, analisar a sociedade e os seus caracteres de modo rigoroso e racional, não deixando, contudo, de manifestar toda a sua arte de julgar a realidade que o rodeia num registo opinativo marcado por ásperos e por vezes irónicos juízos morais e intelectuais. O correspondente escalabitano revela uma postura diferente face ao trabalho cronístico, encarando-o primordialmente como uma apurada e fidedigna representação muito viva do real que lhe é dado perceber. A sua atitude é a de um repórter, uma testemunha ocular que *in loco* transmite a sua visão dos espaços, das figuras, das sensações, dos movimentos de toda uma cidade que percorre incessantemente, como que num frenesim incontrolado de quem tem muito que ver e observar no curto período que a voracidade de Cronos lhe permite. Deste modo, o cronista português em Paris “subia a todos os capitólios, descia a todas as espeluncas”⁵ em busca do inusitado acontecimento que merecesse o relato e o seu astuto e característico reparo. Aliás, este prestigiado jornalista é exímio neste processo de seleccionar um pormenor do real a que assiste e em revelá-lo, de um modo quase miniatural, aos seus leitores brasileiros, fornecendo-lhes um retrato muito fiel e verosímil desse contexto europeu desconhecido para a quase totalidade do público receptor dos seus textos, embora venerado pela maior parte dos mesmos, por se tratar da capital da civilização ocidental e, na época, universal, ao nível das artes, da política, das ideias e da vida social. Os seus textos, pejados de um vigoroso colorido, revelam, tal como na cronística eciana, aqui e ali, uma nota cómica, um dito de inexcedível espírito que alimentava o interesse dos seus leitores. Ramalho Ortigão refere a faceta deste cronista evidenciando essa sua inexaurível aptidão para a exterioridade, para o pulsar da vida da cidade que tanto fascínio sempre lhe tinha

⁵ Moura Cabral, 20-IV-1882, *Diário da Manhã*, Lisboa.

causado, embora soubesse ver nela os seus podres ou os seus aspectos menos dignos.

Assim, descreve esse carácter errante de Guilherme de Azevedo ao afirmar que:

quase não tinha casa. Vivia constantemente na rua, nos teatros, nos cafés, nos escritórios dos jornais, nos jardins públicos. Trabalhava sempre, todavia. Todo o acontecimento, todo o personagem, todo o aspecto de rua, de interior ou de paisagem, era por ele considerado neste ponto de vista exclusivo: – assunto de artigo; e apenas achado o assunto, ele começava a redigir o artigo desde logo, mentalmente recolhido em si mesmo, absolutamente alheado a tudo o que se passava em torno dele, respondendo maquinalmente como um sonâmbulo, àqueles que o interrogavam, até que, de repente, fazendo uma reviravolta, desaparecia, para ir escrever rapidamente, ao canto da primeira mesa, o trecho fabricado de memória⁶.

A colaboração que os dois correspondentes mantiveram, ao longo destes dois anos, almejava espelhar a vida e as circunstâncias inerentes a cada uma das cidades, não deixando de se verificar a adequação de cada um ao lugar em que se encontra, como se o seu destino estivesse talhado, na época, ao ambiente que os esperava – Eça de Queiroz, o perspicaz analista político, o defensor das grandes causas, o humanista apologético da Verdade e da Justiça, o crítico mordaz dos maus costumes sociais; Guilherme de Azevedo, o cronista do quotidiano, o observador atento dos mais prosaicos aspectos da existência humana, da realidade mundana de uma cidade mais regida pela emoção e movida pelo prazer do que pela razão e pela seriedade e fleuma londrinas. Daí que haja mais vivacidade sensorial e cinestésica nas crónicas azevedinas onde se denota o seu olhar de poeta, de artista imerso em cada pormenor, na captação de uma imensa e sempre deslumbrante sociedade que o atraía pela constante e vertiginosa sucessão de eventos.

Perante o que assistem nas duas capitais, os dois cronistas revelam o que de melhor e de menos positivo pode existir na sociedade humana,

⁶ Ramalho Ortigão, 24-IV-1882, *Diário da Manhã*, Lisboa.

tomam atitudes diversas, movidos por motivações diferentes: Azevedo fornece aos seus leitores uma visão muito realista e nivelada com a comum e prosaica existência humana, onde não deixa de perpetuar o emocional encantamento pela cidade onde viu o mundo pela derradeira vez; Eça, por seu lado, revelando a primazia da razão a presidir à elaboração dos seus textos cronísticos, deixa transparecer uma decepção perante uma nação a que não deixa de reconhecer simultaneamente fortes aspectos positivos.

Por conseguinte, em face das duas realidades, ambos os autores utilizam posturas divergentes para convergirem no modo como analisam o estrangeiro, considerando a realidade diferente em que se encontravam nem com mania nem com fobia, sabendo considerar o que de simultaneamente a cultura estrangeira apresenta de proveitoso e contraproducente, de positivo e negativo. A Inglaterra, apesar de tudo, possuía uma forte cultura literária, valorizava o desporto, era um país organizado e desenvolvido económica e socialmente devido, acima de tudo, ao modo como encaravam o trabalho, força motriz para uma pujante e determinada política imperial. A França, por seu lado, era a bela rebelde, o estandarte da República, do instinto revolucionário ainda latente, o espaço artístico por excelência, o lugar do prazer, do espectáculo, mas também de todos os vícios – sendo, apesar de tudo, a única e inolvidável amante que acompanhou Azevedo no fim dos seus dias. A verdade é que, do outro lado do Atlântico, e através das variadas crónicas enviadas das duas capitais europeias, o leitor brasileiro percepcionava uma imagem da Europa como um espaço de forte sincretismo, um lugar agregador de homens, um repositório de uma miscelânea de diferentes realidades interculturais, onde as diferentes religiões, nações, ideologias e civilizações se mesclavam e se complementavam, partilhando, de algum modo, uma herança cultural comum.

Os dois cronistas, na sua função de mediadores culturais, souberam exemplarmente transmitir, cada um no seu modo próprio, uma visão tão variada e exacta quanto possível de uma Europa que, nas décadas finais do século XIX, presenciava, mais uma vez, um amplo desenvolvimento tecnológico e industrial que, por sua vez, permitia uma acentuada evolução económica e a afirmação como o continente mais poderoso

do mundo. Ao mesmo tempo que crescia internamente, o continente expandia-se para fora dos seus domínios, conquistando terras, pessoas e novas riquezas em África e na Ásia, numa reedição do colonialismo dos séculos anteriores.

Enquanto Eça nos põe ao corrente dos significativos problemas desencadeados pelo poderio britânico e pela sua arrogância política, convidando-nos à reflexão e à indignação, numa atitude puramente intelectual, embora eivada do colorido das suas impressões da Inglaterra vitoriana onde não falta o costumeiro humor do grande romancista português, Azevedo convida-nos a acompanhá-lo, no seu passo assimétrico e claudicante pelas ruas e *boulevards* parisienses, subindo escadas para vermos, como se lá tivéssemos estado, a cama do defunto Blanqui, o recibo do restaurante, a queda da neve ou das folhas no *Bois*, os cheiros, as cores, as amplitudes térmicas e todas as sensações que a grande cidade de Paris lhe oferecia abundantemente. No grande *Salon de Paris* é o nosso guia pelas intermináveis salas repletas de obras de arte; à noite, nos inúmeros teatros, relata-nos pormenorizadamente peças ou óperas na íntegra com um inaudito visualismo não permitindo que haja a mais tênue sombra de dúvida acerca da sua presença física nos eventos que descreve. Ao longo dos muitos meses em que vive e escreve na capital francesa, Guilherme de Azevedo não tem mãos a medir, tentando contrariar a vertigem da vida citadina, já referida anteriormente por Balzac, quando refere que “une des particularités de Paris est qu’on ne sait réellement pas comment le temps passe. La vie y est d’une effrayante rapidité.” (BALZAC 1974, 208)

Quase profeticamente, o cronista percorre o espaço urbano parisiense perscrutando com sofreguidão os infindáveis lugares e acontecimentos que o mesmo lhe proporcionava como que pressentindo o fim que irremediavelmente vinha ao seu encontro. Não admira, pois, a acentuada admiração de Azevedo por Paris, tendo em conta o poder de sedução de uma cidade metrópole do universo atractiva para qualquer artista. Dando um inalienável acento individual ao verdadeiro alude de crônicas que escreveram para o público brasileiro, cada um dos cronistas revela-nos, atentando no objectivo comum de representar a vivência e as peculiaridades de cada uma das capitais e sociedades que observavam e em que se encontravam inseridos, modos diferentes

de as expressar com abordagens igualmente díspares – Azevedo vivia cada dia intensamente, desfrutando neste o imediatismo e a fugacidade do momento presente, ao passo que Eça, ambicionando a posteridade, deixa como legado, na sua cronística, temas intemporais e antecipações de acontecimentos e factos que se viriam a concretizar nas décadas subsequentes.

As dezenas de crónicas enviadas eram portadoras de uma certa ideia da cultura percebida pelos dois correspondentes portugueses, ainda que apenas esboçada e fragmentada, ora vista nos seus contornos geográficos e/ou políticos ora representada como civilização. Tudo na vida parece disperso, fragmentário, precário e irremediavelmente condenado pela “flecha do tempo”. A multiplicidade de textos cronísticos produzidos ao longo de Oitocentos proporcionam-nos, de algum modo, o acesso a uma dimensão que, embora não seja tangível da realidade que tratam, revela-nos projecções (ou facetas), necessariamente contingentes e limitadas, dessa *realidade real*, o reflexo de um dado fio temporal, a *imago mundi*. Constituindo-se como um manancial insubstituível de informação, a totalidade destas crónicas enriquecem, claramente, a história da cultura literária que se concretiza num conjunto de perspectivas de mediação culturais admiradas na época e lidas com prazer e avidez, tendo como melhor morada o inesgotável universo que chamamos de literatura.

No ensejo de impedir a tendência natural vaticinada por Guerra Junqueiro ao afirmar, nesta belíssima imagem, que “o jornalista, salvo excepções muito particulares, é como um indivíduo que se atira às ondas para salvar um naufrago e que vai com ele emaranhado para o fundo do oceano, o fundo tenebroso do esquecimento e do silêncio. Glória efémera.” (JUNQUEIRO 1921, 121), trazemos de novo à tona estes dois grandes nomes da literatura e do jornalismo português, resgatando-os, mais uma vez, da perigosa voragem de Cronos que tudo arrasta consigo, inclusive os grandes vultos da nossa pátria e das Letras universais.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Guilherme de. 1981. *A Alma Nova*. introd. Manuel Simões. Lisboa: IN-CM.
- AZEVEDO, Guilherme. 1945. “Eça de Queirós”. Álbum de Glórias. Julho de 1880 in *Eça de Queirós Visto pelos seus Contemporâneos*. Porto: Livraria Lello & Irmão.
- BALZAC, Honoré de. 1974. *Illusions perdues*. Paris: Gallimard.
- BANDEIRA, Manuel. 1945. “Correspondência de Eça de Queiroz para a Imprensa Brasileira”. in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro/Lisboa: Edições Dois Mundos.
- CAVALCANTI, Paulo. s.d. *E.Q. Agitador no Brasil*. Lisboa: Livros do Brasil.
- DIONÍSIO, Mário. 1947. “Guilherme de Azevedo”. in *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*. Vol. I. Lisboa: Ática.
- JUNQUEIRO, Guerra. 1921. *Prosas Dispersas*. Porto: Chardron.
- LYRA, Heitor. 1965. *O Brasil na vida de Eça de Queiroz*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- MARQUES, Eulália Teigas. 1997. *Guilherme de Azevedo e as Relações Culturais entre Portugal e o Brasil – Subsídios para a sua História (1878-1882)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- MINÉ, Elza. 1986. *Eça de Queiroz, Jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte.
- PINHEIRO, Rafael Bordalo. 2005. *Álbum das Glórias*. Lisboa: Clássicos Expresso.
- QUEIROZ, Eça de. 1983. *Correspondência*. 2 Vols. Lisboa: IN-CM.
- QUEIROZ, Eça de. 2002. *Textos de Imprensa IV*. Lisboa: IN-CM.
- QUEIROZ, Eça de e Ortigão, Ramalho. 2004. *As Farpas*. Cascais: Principia.
- TREPA, José (org.). 1945. *Eça de Queiroz Visto pelos seus Contemporâneos*. Porto: Lello e Irmão.
- Diário da Manhã*. 20-IV-1882. Lisboa.
- Diário da Manhã*. 24-IV-1882. Lisboa.
- Distrito de Évora*. 6-I-1867. Évora.
- Distrito de Évora*. 3-III-1867. n.º 16. Évora.
- O Alfageme*. 22-VI-1871. Santarém.
- O Ocidente*. 15-VII-1878. Lisboa.